

RABISCO

REVISTA DE
CULTURA POP
rabisco@rabisco.com.br

3 a 16 de novembro de 2003

equipe | discussão | edições anteriores

Edição 29

OS SERTÕES NO TEATRO

Em montagem caudalosa sobre o homem brasileiro, Zé Celso expõe a ousadia de um eterno experimentalista

MÚSICA ENSOLARADA

Em seu disco de estréia, The Thrills prova que os irlandeses também podem fazer música divertida e descompromissada

RETRATO DO ARTISTA QUANDO JOVEM DELATOR

Gênio, revolucionário, indomável, traidor: as muitas faces de Elia Kazan

O DESABROCHAR DE UM TALENTO

Mesmo contracenando com grande elenco, Alison Lohman demonstra firmeza e domina o sensível *Deixe-me Viver*

DEZ ANOS ALÉM DO CIDADÃO KANE

Documentário sobre Roberto Marinho faz aniversário invadindo salas alternativas no dia da democratização da mídia

VARIEDADE SINGULAR

Exposição reúne obras de arte de toda a carreira de Carlos Vergara e situa a complexidade de seu intenso trabalho

O HOMEM QUE INVENTOU A DITADURA

O líder gaúcho Júlio de Castilhos entrou para a história como o governante que conduziu a sociologia de Augusto Comte à prática política

#29: Quando Tom Cruise aprendeu uma expressão brasileiro-americana

#20: Cada ida a banca de jornal nos revela novas publicações e a falta de outras

#21: Um dos culpados pela babel de confusões envolvendo material publicado na Internet e seus autores pode ser o próprio internauta

#1: Em um tempo não muito distante, existiu um sítio chamado Caderno Zero

BUSCA

OK

Picosearch

O DESABROCHAR DE UM TALENTO

Mesmo contracenando com grande elenco, Alison Lohman demonstra firmeza e domina o sensível *Deixe-me Viver*

por Fabio Freire (fabio_fcosta@hotmail.com)



Cisqueça a tradução equivocada do título, os nomes de Michelle Pfeiffer e Renée Zellweger estampando o cartaz e até a temática mais voltada ao público feminino. *Deixe-me Viver* é um belo drama dominado pela presença da estreante Alison Lohman (que, além de estar em *Os Vigaristas*, de Ridley Scott, também marcará presença no novo do Tim Burton, *Big Fish*) e que vai envolvendo o espectador lentamente, sem grandes arroubos dramáticos. O filme pode até incomodar o público

mais acostumado ao ritmo de videoclipe das produções de hoje ou os que esperam um dramalhão edificante, mas *Deixe-me Viver* é o típico longa que vai se mostrando aos poucos, sem apelar para atropelos narrativos.

Nas mãos de um diretor mais talentoso, como Stephen Daldry (*As Horas*), por exemplo, estariam à frente de uma obra-prima com atuações marcantes e cenas memoráveis. Sob o comando de alguém com mão pesada, como Edward Zwick (do horroroso *Lendas da Paixão*), *Deixe-me Viver*, provavelmente, seria mais um folhetim com cara de produção feita para TV. Por sorte, Peter Kosminsky dirige o filme na medida certa, de forma silenciosa e econômica. Talvez por medo de errar o tom e cair na pieguice, o diretor deixa todo o espaço para sua protagonista brilhar e comprovar seu talento. E, por mais que sua escolha acabe resultando na falta de um desenvolvimento de todo o potencial do roteiro, ela acaba sendo acertada, já que Alison Lohman demonstra que tem carisma de sobra para carregar um filme sozinha.

Baseado em um *best-seller* de Janet Fitch - *White Oleander* (título original da produção) -, o filme narra a história de Astrid Magnussen (Lohman), que vê sua vida virar de pernas pro ar depois que sua mãe superprotetora (uma surpreendente Michelle Pfeiffer) é condenada à prisão pelo assassinato de seu amante. A partir daí, Astrid deixa para trás uma vida antes segura e confortável e começa uma jornada em busca de um novo lar, de um referencial que possa lhe guiar. Assim, por escrito, pode parecer meloso e até chato, mas a direção contida de

Kosminsky e a atuação de Lohman fazem com que o roteiro flua com naturalidade, dando credibilidade ao que se passa na tela, apesar das várias reviravoltas sofridas por Astrid.

Outro ponto positivo do filme é o seu tom melancólico, acentuado pela fotografia e trilha sonora discretas. A melancolia também está presente em cada personagem. Todos têm um tom amargurado, ressentido, e isso acaba acentuando a personalidade da protagonista, que, no fundo, mesmo cercada por pessoas mesquinas, solitárias ou covardes, consegue manter sua sanidade. O filme prega que o ser humano é solitário por natureza e isso fica claro à medida



que Astrid muda de visual e tenta ser aceita em mais um lar adotivo. Seja na casa de uma crente que usa a religião e o nome de Jesus para fugir do seu passado (Robin Wright Penn, correta), seja na mansão de uma atriz sem talento e solitária (Zellweger, comovente), ou mesmo na casa de uma muambeira russa mais preocupada em vender roupas e faturar um. Mas, mesmo mudando sua aparência, Astrid continua presa aos ensinamentos e à conduta dominadora da mãe, uma artista rancorosa que se revela alguém mais solitária e perdida do que sua filha. E a jornada da protagonista termina justamente quando ela se liberta das amarras da mãe e resolve seguir seu próprio caminho.



Deixe-me Viver até poderia ser rotulado como mais um filme que retrata a conturbada relação entre mãe e filha, algo já visto em produções como *Minha Mãe é Uma Sereia*, com Cher e Winona Ryder, ou *Em Qualquer Outro Lugar*, com Susan Sarandon e Natalie Portman. Mas o diferencial aqui é o tom mais sério, sem espaços para alívios cômicos e fáceis reconciliações. Pode ser que, ao final, alguns espectadores achem o filme pesado demais ou mesmo frio e distante, mas, entre erros (a falta de um referencial temporal, por exemplo, já que em

momento algum sabemos se a história se passa em um, dois ou mais anos) e acertos, *Deixe-me Viver* envolve justamente por sua delicadeza, aridez e sinceridade. 🌟